

# O PRANTO DE MARABÁ'

(LENDÁ INDÍGENA)

IVES MARTINS

A lua, pálida e chorosa, banhava o lago cristalino.

Marabá deitou-se sobre a relva orvalhada pelo doce lamuriar da noite. Estava fria, mas o misterioso silêncio da escuridão e os pensamentos felizes de ser jovem faziam-na esquecer da vida. A brisa, encrespando levemente as folhas, as mais pequenas da floresta quase virgem, beijava suavemente o corpo delicado de Marabá. A nudez de Marabá era singela e pura. Parecia uma estrela solitária brilhando nas trevas da amplidão.

Marabá sonhava com o guerreiro de bonitas formas, do mais alto porte, da mais linda fala, do mais forte braço e do mais nobre olhar. Marabá sonhava com Jandir. Amava-o como amam as almas sãs, amava-o como a noite ama o silêncio ou como a garça ama o seu rio. Era o seu próprio viver, a sua única existência. Como era belo amar, mesmo sem saber se o amado amava-a assim. Talvez ele não a amasse, talvez amasse uma outra, talvez amasse a si mesmo tão somente. Como era belo, porém, amá-lo neste segrêdo! E um sorriso feliz decorava sua serena face.

Marabá estava linda, pousada à beira do lago, as quentes formas desvendadas. Os pés formosos restavam no abandono. Os seios túmidos, arfando, almejavam um abraço forte que os apertasse no amor. As coxas eram morenas, como são as frutas boas das boas árvores grandes. Seu hálito rescendia o cheiro quente da rosa e sua boca convidada o mais forte a vir beijá-la.

Marabá sonhava na noite e a noite calma velava.

Soou, então, pela floresta o canto triste de uma triste voz, vinda pelo lago, em busca do silêncio. A brisa tornou-se mais forte e Marabá viu-se gelada. O silêncio mais pesado restou ao som desta voz, a escuridão mais escu-

ra e o mistério mais pungente despertou os sonhadores. Nada se ouvia, senão o canto triste de uma triste voz.

Marabá, neste momento, teve medo e tendo medo levantou-se. As águas mansas do lago refletiram o corpo lindo de Marabá e Marabá teve orgulho de ser bela como nunca fôra bela outra índia pela taba. Marabá, perdendo o medo, riu e a risada cristalina de Marabá foi chocar-se com o cantar compassadamente tristonho, que vinha vindo do lago.

O lago estava sereno e mais que sereno plácido. As águas não se moviam sob o influxo indolente da brisa, que soluçava. Dir-se-ia ser o espelho do coração de Tupã, tão majestoso dormia, como dormia o Senhor dos Céus majestosamente. Marabá amou o lago, como nunca dantes o amara.

Eis que, neste instante, emergiu divina, singela e nua, a mais formosa mulher das águas frescas do lago. Os cabelos negros rolavam pelas costas molhadas; os olhos calmos flamejavam mensagens de enlanguescimento: os lábios rubros docemente se alteravam ao canto terno de amor que melodioso entoavam. A face resplandecia ao murmúrio suave da brisa. O corpo, semi-emergido, mostrava a mais delicada e branca carne, que ao reflexo da lua, mais branca, ainda, restava. Se tão alva fosse a lua, por certo, que o sol potente nunca mais retornaria. Era bela a beleza desta bela.

Marabá olhou temente a sublime aparição e teve invejas destas formas que suplantavam as suas. Marabá viu-a aproximando e quis fugir-lhe ao encanto, mas teve curiosidade, ou senão não teve forças. Marabá sentiu-se tão frágil e feia, que não soube o que fazer e Marabá era linda, como somente são lindas as flores na primavera.

A jovem viu Marabá e dela se aproximou, cantando uma canção dolente, cantando uma canção de amor. Perto dela silenciou, olhando-a serenamente.

— Tu que chamas Marabá e és formosa entre as formosas mulheres que vivem cá, que vieste procurar?

— Não sei, Senhora, não sei. Vim apenas a sonhar e para ver ofuscada a chama resplandecente desta tua formosura. Sou cinza quase apagada junto de ti, que és divina.

— Sei a causa do teu sonho, Marabá tristonha e bela, do sorriso mais amigo. Teu hálito rescendendo a flor da jati agreste e o teu olhar lamentoso, como o da corça ferida, contam-me de teu amor por Jandir valente e nobre.

— Sim é verdade, Senhora.

— Pois bem, Marabá, mais triste serás depois desta noite. Eu amo, também, Jandir que deverá vir morrer nos meus braços neste lago.

— Mãe D'Água, Tupã, Mãe D'Água! — exclamando assim Marabá tombou chorando na relva e a relva molhada pelo orvalho chorado na noite, mais molhada ainda ficou ao choro ardente da índia.

— Eu tenho pena de ti, mas vou matá-lo esta noite. Também, Marabá, eu amo — Isto dizendo continuou a cantar o seu canto, mais plangente que o mais plangente soluço.

Marabá chorava tombada, enquanto cantava Mãe D'Água.

Jandir surgiu, então, pela noite, mais forte, mais belo mais alto tendo na aljava as flechas que matavam o tapir na mata, e o arco empenado e rijo, como a rijida nogueira. Vinha calmo para o lago, sem saber vir para a morte. Ficaram mudas as duas, a deusa ativa sorrindo e a mulher plena do medo.

Jandir vendo as duas flores, das flores aproximou-se e seu coração bateu mais fortemente junto a quem sempre em segrêdo adorava e junto a quem nunca vira mais formosa. Olhando-as supremo e nobre, postou-se frente a estas jovens, uma queda, outra de pé. Mãe D'Água falou, então:

— Jandir formoso eu te adoro, como nunca outro adorei. Teus olhos são os meus guias e teus lábios os meus sonhos. As noites sem ti são tristes, como uma mata sem caça. Eu te ofereço, Jandir, glórias mais inefáveis e os cantos mais delicados pelo amor que tu me dás. Seremos sempre felizes e feliz tu morrerás, sem teres te lamentado da vida, que sempre bela para ti parecerá. Se viveres de hoje em diante, nunca mais bem viverás. A velhice, se chegar, antes da morte, Jandir, trar-te-á somente tédio. Gozemos a noite inteira para morreres feliz. Eu te adoro,

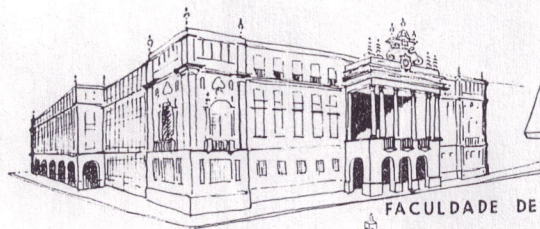
**PEDRO ERNESTO BOARIN**  
**SIDNEY GIOIELLI**

ADVOGADOS

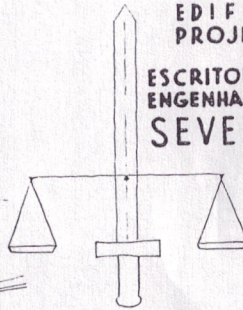
Escritório: RUA DO COMERCIO. 22 — 1.º ANDAR — SALAS 3 e 4

TELEFONE: 32-1843 — São Paulo

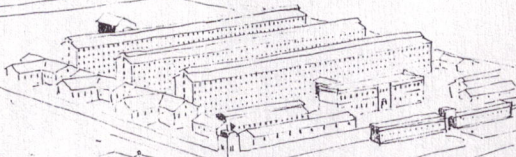
EDIFÍCIOS JUDICIÁRIOS  
 PROJETADOS E CONSTRUÍDOS  
 PELO  
 ESCRITÓRIO TÉCNICO RAMOS DE AZEVEDO  
 ENGENHARIA ARQUITETURA CONSTRUÇÕES  
**SEVERO e VILLARES S. A.**  
 FUNDADO EM 1886



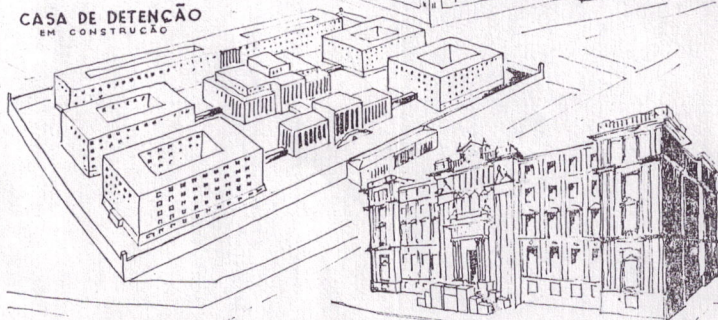
FACULDADE DE DIREITO



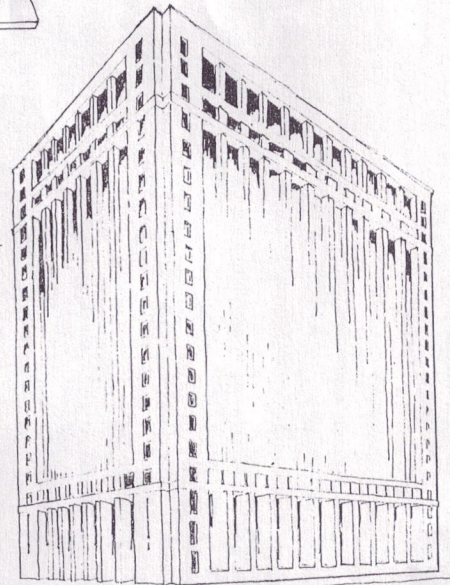
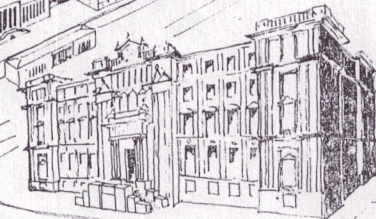
PENITENCIÁRIA



CASA DE DETENÇÃO  
 EM CONSTRUÇÃO



PALACIO DA JUSTIÇA



EDIFÍCIO ANEXO AO PALACIO DA JUSTIÇA  
 EM CONSTRUÇÃO

meu querido. Eu quero ter-te ao meu lado. Quero que gozes, sonhando, minha carne e meu amor, que nunca mulher alguma dar-te-á durante a vida. Vê Marabá que é tão bela como some junto a mim. Vê que seu corpo formoso é menos formoso que o meu. Vê que seu rosto moreno junto do meu não é belo. Vê que seus lábios de mel, são menos doces que os meus. Vê que seus olhos jamais, serão como os meus tão negros. Vê, enfim, que seus cabelos são lindos, mas não divinos, como são os meus cabelos. E então, quando ela for velha, o corpo todo enrugado, os seios tombando moles, o rosto já deformado, os cabelos diminuídos, os olhos tristes e feios e os lábios frios, sem vida, asco apenas causará ou, talvez só compaixão. Vem e goze desta noite para morreres feliz, os desejos satisfeitos e aos céus chegando mais rápido. Eu te adoro como nunca te adorou mulher alguma.

Jandir sentiu o corpo palpitar mais forte e a luz da razão perdendo ir-se, e, olhando Mãe D'Água, desvairado, quis

beijá-la embora perdesse a vida. Jandir não tinha mais forças e da bela aproximava-se.

Marabá tombada e triste, hebera ávida e louca, o falar da deusa impura e não tendo senão forças para escutá-la, ficou calada escutando, a sua vida esmagada. Quando viu, porém, Jandir, já vencido ir abraçá-la não conteve-se e o seu pranto, em ondas, jorrou-lhe à face.

Jandir, quebrado o encanto da voz doce de Mãe D'Água, ouvindo o choro impulsivo de Marabá solitária, voltou-

ze e linda encontrou-a. Marabá o rosto tinha coberto na relva fria e Jandir sentiu que a amava, como outrora ou como há pouco. Esqueceu-se de Mãe D'Água e tomando Marabá nos seus braços prepotentes beijou-lhe os lábios ardentes.

Mãe D'Água, vendo esta cena, tendo o amante abandonado-a, soltando um grito atirou-se nas mansas águas do lago.

A lua, pálida e chorosa, banhava o lago cristalino.

## HENRIQUE BAYMA

ADVOGADO

Escritório: RUA DA QUITANDA, 139 — 4.º ANDAR

TELEFONE: 32-4824 e 32-3873 — São Paulo